

**Possibilidades e Desafios do Viver dos Moradores de Ururaí em Campos dos  
Goytacazes/RJ: sob qual risco viver, inundação ou violência?**

Possibilities and Challenges of Live of the Ururaí Residents in Campos dos  
Goytacazes / RJ: under what risk do they live, inundation or violence?

Thaís Lopes Cortes<sup>1</sup>

Antenora Maria da Mata Siqueira<sup>2</sup>

Juliana Thimoteo Nazareno Mendes<sup>3</sup>

**Resumo**

O presente artigo apresenta os dados preliminares da pesquisa hemerográfica sobre a violência noticiada pela mídia impressa no município de Campos dos Goytacazes, de forma a compreender a espacialização dos episódios de violência no município e as imagens construídas sobre esses bairros e seus moradores, considerando a importância desse debate para a categoria dos assistentes sociais.

**Palavras-chave:** Serviço Social; Violência; Questão Social.

**Abstract**

This article presents the preliminary data of the hemerographic research on the violence reported by the print media in the municipality of Campos dos Goytacazes, in order to understand the spatialisation of episodes of violence in the municipality and the images constructed on these neighborhoods and their residents, considering the importance debate for the category of social workers.

**Key-words:** Social Service; Violence; Social Question.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense – Polo Universitário de Campos dos Goytacazes; e-mail: thaislopecortes@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em EA-Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável, professora do PPG em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas e do Departamento de Serviço Social de Campos, Universidade Federal Fluminense; e-mail: antenoras@id.uff.br

<sup>3</sup> Doutora em Geografia; professora do Departamento de Serviço Social de Campos, Universidade Federal Fluminense; e-mail: julianatnmendes@gmail.com

## 1. Introdução

A partir da nossa inserção na pesquisa "Cartografias Socioambientais e Mapeamento de Áreas de Risco de Inundações no Norte Fluminense: subsídios para a implementação de sistemas de alerta"<sup>4</sup>, desenvolvida no âmbito do NESA<sup>5</sup>, participamos da pesquisa empírica realizada em Ururá/Campos dos Goytacazes. A pesquisa objetivava traçar o perfil socioeconômico e histórico das famílias que ainda residem na localidade e que estão em áreas suscetíveis às inundações, e, portanto, ao reassentamento, quando novos conjuntos habitacionais ficarem prontos.

Ururá traz especificidades as quais devemos nos atentar, sobretudo, quando analisado o contexto em que se desenvolveu o município de Campos dos Goytacazes, sendo marcado pelo apogeu da cana-de-açúcar, que contribuiu para espacializar os pobres na cidade. A localidade foi construída em torno da Usina Cupim, as margens do rio Ururá, nas quais as melhores terras eram destinadas à Usina e aos trabalhadores com altos cargos. Já as áreas mais baixas, úmidas e próximas ao rio, foram ocupadas pelos trabalhadores empobrecidos, pois os terrenos eram mais baratos. Dessa forma, devido à proximidade com o rio, em momentos de inundações, as casas que ficam mais próximas ao rio acabam sendo afetadas pelas cheias. Com isso, surgiu por parte do poder público, o discurso dos reassentamentos, nos quais parte das famílias de Ururá foram realocadas para os Conjuntos Habitacionais de Moradia Popular, do Programa Municipal Morar Feliz, dos bairros da Penha, da Tapera e do Novo Jockey.

O questionário aplicado pelo NESA, dentre outras questões, buscou identificar qual é o nível de satisfação das famílias reassentadas por meio do Programa Habitacional Morar Feliz. Identificamos, por meio da tabulação dos dados o “medo da violência”, por parte dos moradores entrevistados, como justificativa para não quererem ir para conjuntos habitacionais. Do universo pesquisado, 81,8% dos entrevistados afirmaram que conhecem pessoas que saíram de Ururá, foram para os conjuntos habitacionais de moradia popular, mas retornaram. Desses, 80% declararam que as famílias voltaram para Ururá devido à violência, manifestada por meio de episódios, como: homicídios, brigas e conflitos entre facções do tráfico de drogas nos conjuntos habitacionais.

---

<sup>4</sup> Financiada pela FAPERJ e UFF.

<sup>5</sup> O NESA é o Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais da Universidade Federal Fluminense, Pólo de Campos dos Goytacazes, registrado no Diretório de Pesquisa do CNPQ desde 2010. É um núcleo interdisciplinar, que conta com pesquisadores do Serviço Social, Geografia e Ciências Sociais.

A pesquisa desenvolvida pelo NESA corroborou com os estudos de Siqueira e Malagodi (2012) e de Mendes (2015), quando afirmam que ao irem para os conjuntos habitacionais, as famílias saíram dos locais demarcados como de “risco” de inundações e ficaram expostas a outros tipos de riscos, como, por exemplo, a violência, devido ao fato das facções do tráfico de drogas quererem estabelecer ali o seu poderio (SIQUEIRA e MALAGODI, 2012) e (MENDES, 2015).

Devido a incidência de episódios violentos terem aumentado, ainda que não seja possível explicar o porquê (ADORNO, 2002) e pelo fato dos entrevistados terem acentuadamente apresentado a questão da violência nos conjuntos habitacionais, objetivou-se, por meio do método de pesquisa hemerográfica<sup>6</sup>, identificar as matérias do Jornal Folha da Manhã, que é o de maior circulação no município de Campos dos Goytacazes, a fim de a) analisar quais são os bairros de origem e os de ocorrência, b) identificar os tipos de episódios mais recorrentes, c) traçar um perfil dos sujeitos envolvidos nos episódios e d) verificar se os bairros da Penha, Novo Jockey e Tapera, que são os bairros para os quais várias famílias de Ururá foram reassentadas, são notificados em episódios de violência.

No que se refere a escolha do método, cabe explicitar que a pesquisa hemerográfica se constitui enquanto uma “importante fonte de dados para a pesquisa social. Possibilita ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico” (GIL, 2008, p. 151).

Todo o jornal foi analisado e foram salvas as reportagens relacionadas à violência, das quais foram extraídos os seguintes dados: bairro de origem, bairro de ocorrência, sexo, idade, qual o tipo de ocorrência e a situação dos sujeitos envolvidos enquanto vítimas ou autores dos episódios noticiados. Cabe considerar que a pesquisa está em fase inicial, portanto, serão apresentado os dados dos meses de janeiro, fevereiro e março do ano de 2015.

As reportagens encontram-se escaneadas e disponíveis no banco de dados do software livre Calibre e os dados das reportagens estão armazenados em planilha do Programa Excel. A tabulação foi realizada com o auxílio do Programa SPSS e em seguida analisados. Os dados encontram-se na biblioteca do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais, ao qual a pesquisa em tela é vinculada.

Para realizar a discussão proposta neste artigo, trabalhou-se com autores que discutem a violência, como Adorno (2002), Zaluar (2007) e Caldeira (2000). Por meio da

---

<sup>6</sup> Realizou-se uma nova pesquisa, financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFF), que objetivava identificar os episódios de violência no município de Campos, buscando analisar se há relação entre a violência e os conjuntos habitacionais. Os dados dessa pesquisa foram sistematizados, resultando no presente artigo.

literatura indicada, buscamos dialogar com a realidade vivenciada com outros municípios, a fim de identificarmos se a realidade local está em consonância com o contexto macro, vivenciado por outros municípios brasileiros.

## **2. Aproximação ao debate sobre violência e o resultado da pesquisa em Campos dos Goytacazes**

Considerando a centralidade da violência para o estudo em questão, buscou-se compreender o seu significado. De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1999, p. 2076), a violência pode ser entendida como “uso da força ou coerção”. No entanto, enquanto categoria de análise, tal definição não abarca sua complexidade, por isso, buscamos nas Ciências Sociais o seu significado.

Para tanto, dedicou-se aos escritos dos autores Adorno (2002), Caldeira (2000), Zaluar (2007), entre outros. Esses autores compreendem a violência relacionada ao sistema capitalista, que agudiza as expressões da “Questão Social”.

O Brasil vive um cenário marcado pela baixa oferta de emprego no mercado de trabalho formal e lícito, além da baixa escolarização e da falta de profissionalização. Diante desse quadro, muitos sujeitos acabam buscando novas formas de subsistência na sociedade capitalista, o que representa para alguns, a inserção no mercado informal e ilegal de trabalho, representado pela indústria do tráfico de drogas. O que contribui para que a violência aumente de forma expressiva, devido aos conflitos entre as facções do tráfico de drogas. Tornando os jovens mais suscetíveis a práticas de crimes (ZALUAR, 2007, p. 35).

É imprescindível destacar que a pobreza por si só não pode justificar a inserção de jovens em episódios violentos. Porque nenhum jovem escolhe viver perigosamente ou morrer tão jovem, de acordo com Zaluar (2007). E é por essa razão, que torna-se fundamental, ao discutir a violência, a realização de uma apreensão do contexto social, econômico e histórico em que os sujeitos estão envolvidos. Para que, dessa forma, a análise permita interpretar a totalidade em que esses sujeitos se encontram. Nesse sentido, Baierl (2013) pontua que a violência é um fenômeno social e histórico ao afirmar que

[...] a violência e as diferentes formas de criminalidade são fenômenos sociais e históricos que sempre existiram nas sociedades, em todos os tempos e lugares. O chão de construção é resultante da forma como esta se organiza e estrutura suas relações. Cada sociedade define para si, em cada contexto histórico, aquilo que é considerado violento ou não, lícito ou ilícito, ao mesmo tempo que cria as condições para a emergência de diferentes manifestações de violência e criminalidade. Trata-se, portanto, de

construções sociais, históricas e políticas que indicam o que é legal ou ilegal, certo ou errado. Por ser construção histórica e social, envolve componentes éticos e morais daquilo que é aceito como legítimo ou ilegítimo pela sociedade em dado contexto histórico (BAIERL, 2013, p. 360).

Portanto, faz-se necessário uma apreensão do ambiente histórico, para que seja possível compreender porque determinados fenômenos são considerados como violência e outros não, em determinado tempo. Sendo também a violência um fenômeno social, porque se dá em um determinado tempo e espaço, no dia a dia, no contexto de reprodução das relações sociais.

Os autores não definem o conceito da violência, isso ocorre, segundo Arendt (1985), porque a violência é um acontecimento incomum, motivado por diversos fatores, tendo, portanto, distintas dimensões, que ainda não são conhecidas, por isso, não podendo ser categorizada.

A violência é vivenciada de várias formas, como, por exemplo, a violência familiar, a violência física, psicológica, verbal e a violência urbana, aqui entendida enquanto crimes contra o patrimônio, como por exemplo, o roubo, a extorsão, sequestro e homicídios, como aponta Adorno (2002, p. 88).

Dentro do contexto da violência tem-se o município de Campos dos Goytacazes, localizado na região norte do Estado do Rio de Janeiro. A cidade possui aproximadamente 463.731 habitantes, distribuídos num território de 4.026.370 quilômetros quadrados (IBGE, 2010).

Os três meses analisados perpassam um total de 146 matérias relacionadas à violência no Jornal Folha da Manhã, tendo como local das ações o município de Campos dos Goytacazes. Cabe considerar que uma reportagem pode relacionar mais de um acontecimento de ações violentas. Sendo assim, o número de episódios será maior que o número de reportagens.

É importante considerar que foram levantadas também todas as ações que são consideradas crime, que segundo Silva (2011, p. 265) é compreendido juridicamente como:

A ação ou omissão que constitui ofensa, dano ou perigo a um bem ou valor da vida social e que, por este motivo é tipificado por lei e passível de punição. Tal punição será prescrita, levando em consideração os agravantes e atenuantes presentes em cada caso, ou seja, o crime é definido como “falta ou violação culpável da lei penal”.

O crime, assim como a violência, é um fenômeno social, fruto das relações sociais que são estabelecidas historicamente dentro da sociedade. Portanto, a definição de crime varia de acordo com o contexto histórico vivenciado, com cada sociedade e cultura, sendo então, socialmente construído, conforme aponta Silva (2011).

No que diz respeito ao bairro de origem dos sujeitos envolvidos nos episódios noticiados durante esses três meses, os bairros que aparecem com maior frequência são: Sapo I (6), Tira Gosto (6), Parque Eldorado (6), Parque Santa Rosa (5), Parque Santa Clara (4), Travessão (4), seguido de Parque Guarus (2), Jardim Carioca (2), Farol de São Thomé (2), Comunidade Cantinho do Céu (2), Parque Leopoldina (2), Parque Santos Dumond (2), Parque Santa Helena (2). Outros bairros foram notificados apenas 1 vez, como: Parque Aeroporto, Cidade Luz, Parque Califórnia, Parque Prazeres, Custodópolis, Parque Vera Cruz, Novo Eldorado, Nova Canaã, Parque São Caetano, Sapo III, Baleeira, Penha, Parque Rosário, Codin, Três Vendas, Parque São Matheus, Parque Aurora, Novo Jockey, Parque Rio Branco, Parque Lebret, Jockey, Fundão e Caixeta.

Outros episódios relacionados à violência no município de Campos dos Goytacazes têm como sujeitos envolvidos, pessoas de outros municípios, como Macaé e Magé, no Estado do Rio de Janeiro, além de Vila Velha, que é a capital do Estado do Espírito Santo. Em 3 episódios o bairro de origem dos sujeitos envolvidos nas ações não foi determinado. Cabe salientar que a Penha e o Novo Jockey, que são bairros para os quais a população de Ururá foi reassentada, foram sinalizados uma vez.

Todos os bairros identificados como de origem dos sujeitos envolvidos nos episódios violentos são bairros periféricos, marcados pela pobreza e pelo desigual processo de apropriação dos bens de consumo, com exceção ao Parque São Caetano, que fica localizado na área Central e nobre da cidade. Dessa forma, percebe-se que a mídia contribui para que determinados bairros sejam estereotipados como perigosos e violentos nos quais os sujeitos, sobretudo de maior poder aquisitivo, devem evitar circular. A estereotipação desses bairros acaba por atribuir estigmas aos seus moradores, sobretudo, quando jovens, pois são vistos como criminosos, violentos e bandidos em potencial.

Quanto aos bairros de ocorrência dos episódios de violência foi possível constatar que os bairros mais recorrentes são Eldorado (18), Centro (18), Sapo I (14), Tira Gosto (9), Parque Califórnia, Parque Aeroporto, Parque Guarus, Jardim Carioca que foram notificados em 7 episódios cada um desses bairros, seguido do Parque Santa Clara (6), Farol de São Tomé (6), Santa Rosa (6). Outros bairros, como, Penha (5), Travessão (4), Cidade Luz (4), Parque Rosário (4), Ponta Grossa dos Fidalgos (4), Sapucaia (3), Comunidade Cantinho do Céu (3)

Alphaville III (3), Lapa (3), Baleeira, BR 216, Santa Helena, Nova Canaã, Parque Santos Dumond, Sapo II, Tocos, Nova Campos, Sapucaia, Parque São José, Parque Rio Branco, Portelinha, que foram notificados 2 vezes cada.

Há bairros que foram notificados apenas em um episódio cada um deles, a saber, RJ 224, Custodópolis, Parque Vera Cruz, Caxeta, Vila Manhães, Capão, Parque Rodoviário, Parque Varandas de Campos, Parque São Caetano, Sapo III, Parque Bandeirantes, Serrinha, Três Vendas, Parque São Matheus, Goitacazes, Mineiros, Jockey e Santa Maria. Em 22 episódios não foi registrado o bairro de ocorrência das ações.

Dos bairros destacados cabe mencionar que alguns deles fazem parte da zona rural do município, como é o caso de Ponta Grossa dos Fidalgos, Sapucaia, Serrinha, Mineiros e Santa Maria. A Penha, bairro no qual parte das famílias de Ururaí residem, devido ao deslocamento realizado pela prefeitura local, foi notificado 5 vezes.

Os bairros que foram notificados durante os três meses consecutivos são: Parque Eldorado, Parque Califórnia, Centro, Farol de São Tomé, Santa Rosa e Tira Gosto. Dos bairros destacados como locais da ocorrência dos episódios violentos apenas o Parque Rodoviário, o Parque São Caetano e o Centro fazem parte da área em que reside a classe média e onde se localizam comércio, setor financeiro e serviços. Os demais bairros são periféricos, o que afirma pesquisas anteriores, ainda que sejam em municípios diferentes, como a de Caldeira (2000) e de Adorno (2002).

Os dados sobre o local de origem e sobre o local de ocorrência corroboram para qualificar o perfil dos sujeitos envolvidos nos episódios de violência. Contribuindo para que os bairros da periferia sejam vistos como os mais perigosos. Ocorre que os episódios violentos ocorrem tanto em bairros da periferia, quanto nos bairros mais centrais, destinados a população de alto poder aquisitivo. No entanto, a mídia privilegia noticiar as reportagens relacionadas aos pobres, cumprindo o seu papel ideológico e manipulador enquanto aparelho privado de hegemonia, a serviço do capital.

O que pode ser notadamente visto quando há uma diferenciação da forma como a reportagem é noticiada e qualifica os sujeitos envolvidos. Ao abordar sujeitos de classe média, os mesmos são retratados como jovens, ao abordar os jovens pobres e da periferia, designou-os como “menores”.

Segundo Njaine & Careli (2006, p. 77) essa diferenciação quanto a elaboração das reportagens é algo corriqueiro. Segundo os autores, os jovens moradores da periferia são retratados em páginas policiais do jornal, com total desprezo. Em contrapartida, “os mais ricos são tratados com um tipo de discurso que procura explicar o crime pelo aspecto

psicológico. Já para os jovens pobres a explicação mais comum é a cobiça pelo dinheiro e bens materiais”.

É importante ressaltar que o tipo de episódio também sofre alteração de acordo com os bairros em que ocorrem. Os bairros centrais citados são espaços de ações como assalto e arrombamento/invasão, sobretudo, a caixas de banco. Em contrapartida, os bairros periféricos são mais propensos a episódios de crimes violentos, como o homicídio, por exemplo, o que corrobora com os estudos desenvolvidos por Adorno (2002) e Baierl (2013).

As pesquisas de Caldeira (2000, p. 76), Baierl (2013), Adorno (2002) demonstram que há uma centralidade dos homicídios nos bairros da periferia. E, desse modo, os jovens, negros e periféricos são vítimas dos crimes violentos, relacionados aos homicídios e as tentativas de homicídio. O estudo realizado para o presente artigo confirma o que os autores supracitados já tinham identificado em suas pesquisas, ainda que analisando cidades e territórios diferentes. Nessa perspectiva Adorno (2002, p. 122) discorre que os

[...] registros de mortes violentas revelam maior incidência nos bairros que compõem a periferia urbana onde são precárias as condições sociais de existência coletiva e onde a qualidade de vida é acentuadamente degradada. Há fortes evidências de que o risco de ser vítima de homicídio é significativamente superior entre aqueles que habitam áreas, regiões ou bairros com déficits sociais e de infra-estrutura urbana, como aliás sugerem os mapas de risco elaborados por diferentes capitais brasileiras.

Sobre o gênero dos sujeitos envolvidos nos episódios violentos noticiados pelo jornal durante os três meses da pesquisa, constatou-se que em 21 episódios os sujeitos eram do gênero feminino, 136 do gênero masculino, 6 relatavam sobre ambos os gêneros e 50 não determinaram o gênero dos sujeitos envolvidos. O número de eventos que envolvem homens é muito maior do que os que envolvem mulheres, como apontam pesquisas de outros autores, como a de Diniz et. al (2013, p. 196) ao discutir o homicídio na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

Percebe-se que o número de sujeitos do gênero masculino envolvidos em ações violentas representa 58,8% do total desses eventos, o que confirma a tese da Zaluar (2007, p. 32), quando sinaliza que a violência está bastante relacionada ao gênero masculino pelo fato do homem ter necessidade de mostrar a sua masculinidade e força por meio da violência.

No tocante a idade dos sujeitos envolvidos, identificamos que dos 214 episódios, 65 deles (30,4%) estão relacionados a juventude, que compreende sujeitos de 15 a 29 anos de idade, de acordo com o Estatuto da Juventude (2013). Segundo Diniz et. al (2013, p. 190)

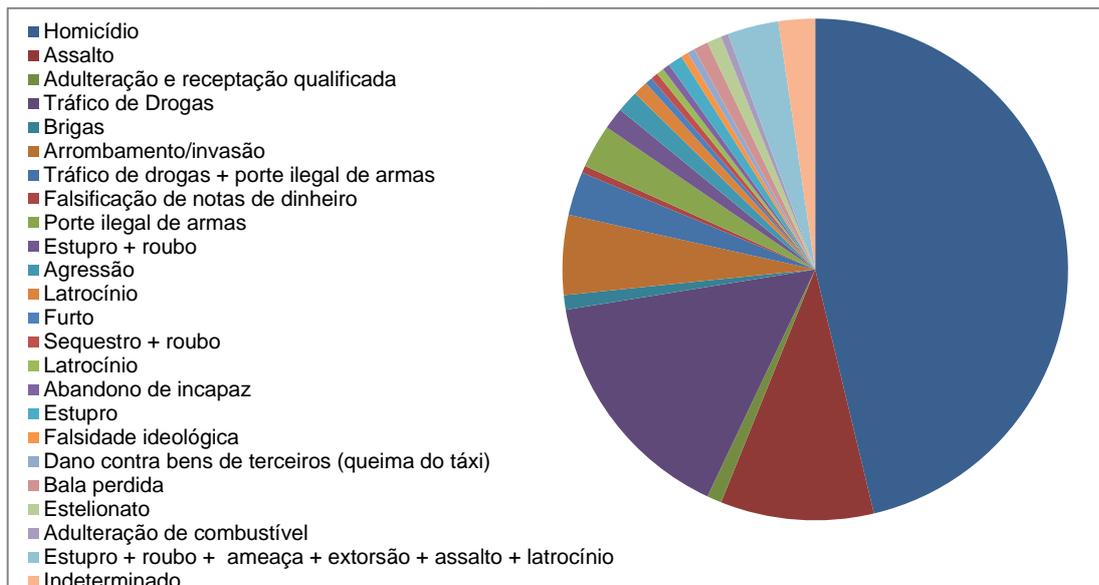
Isso se deve, em grande parte, ao fato de que, no contexto das regiões metropolitanas, nas áreas mais desvalorizadas e marcadas pelas omissões do estado e das instituições públicas, os jovens encontram maiores dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho. Esse contexto de exclusão acaba por fomentar as ações ilícitas, com grande destaque para o tráfico de drogas, no qual essa ampla mão de obra passa a atuar.

O Município de Campos dos Goytacazes não é uma metrópole, mas trata-se de uma cidade de médio porte, o segundo maior município do Rio de Janeiro em extensão territorial, e se constitui como um dos polos mais importantes do Estado. No entanto, a realidade estudada por Diniz et. al (2013, p. 190) se aplica a da cidade estudada neste artigo, considerando o percentual de episódios violentos que envolvem jovens que, em maioria, são noticiados por conta de eventos como o tráfico de drogas ou o homicídio, que muitas vezes está também ligado as brigas entre facções do tráfico.

Fazendo referência a situação dos sujeitos envolvidos nos episódios, constatou-se que 111 são vítimas das ações, 92 são autores, 7 reportagens não determinam a condição dos sujeitos e 3 reportagens relataram sobre vítima e autor. Dessa forma, é possível compreender que os sujeitos envolvidos nos episódios violentos são mais vítimas do que autores, totalizando 53,1% do público como vítima das ações.

Sobre os tipos de ocorrência, destaca-se que o homicídio foi relatado 99 vezes, seguido do tráfico de drogas 33 vezes, do assalto 21 vezes, do arrombamento/invasão 11 vezes, e de outros tipos de ações violentas que ocorreram em menor quantidade, a saber, roubo somado ao estupro, ameaça, extorsão, assalto e latrocínio que foi noticiado 7 vezes; o tráfico de drogas somado ao porte ilegal de armas (6); somente o porte ilegal de armas (6); estupro seguido de roubo (3); agressão (3); estupro (3); estelionato (2); 2 relatos sobre bala perdida; latrocínio (2); brigas (2); adulteração e receptação qualificada (2). Também foram registrados a falsidade ideológica; comercialização de notas falsas; furto; roubo seguido de sequestro; latrocínio; abandono de incapaz; falsidade ideológica; adulteração de combustível e danos contra bens de terceiros (queima de um táxi), que foram notificados 1 vez cada. Além de 5 relatos não constarem qual foi o tipo de ação. Por meio do gráfico abaixo fica mais fácil visualizar a proporção dos eventos:

**Gráfico 1:** bairros de ocorrência – janeiro a março de 2015.



**Fonte:** Banco de Dados do NESA, 2016.

Dessa forma, é possível apreender que a violência notificada no município de Campos dos Goytacazes está bastante ligada ao crime violento, apresentado por meio da alta taxa de homicídios nos meses estudados, que chega a 46% das ações ocorridas.

Nenhuma reportagem dos meses de janeiro, fevereiro e março de 2015 do jornal Folha da Manhã apresentou a etnia dos sujeitos envolvidos. Entretanto, as produções sobre o tema em tela, como a dos autores Caldeira (2000) e Adorno (2002), em pesquisas realizadas no Estado de São Paulo, destacam que os negros são as maiores vítimas da violência.

Diante dos dados apresentados até aqui, é possível perceber que a realidade do município de Campos dos Goytacazes não se difere das cidades dos autores trabalhados, isso porque os bairros notificados como bairros de origem e de ocorrência de episódios violentos, são, sobretudo, bairros periféricos, pobres, nos quais a maioria dos eventos tem como autor e vítima, a juventude. Dessa forma, a mídia contribui para que a sociedade se torne cada vez mais intolerante e preconceituosa, pois passa a associar a pobreza como intrinsecamente ligada à violência, ocorrendo dessa forma uma simplificação dos episódios de violência.

Cabe destacar que a pobreza por si só não justifica a inserção dos sujeitos em episódios de violência, porque há também os crimes de colarinho branco. O que vai ao encontro com as proposições de Wacquant (2008, p. 15) quando destaca que a prisão atualmente serve como uma nova política de combate a pobreza e assume um caráter classista e étnico-racial, já que nem todos vão ser condenados e sentenciados da mesma forma.

Face ao exposto, percebe-se que a violência é uma das expressões da “Questão Social”, que é o objeto de trabalho do assistente social, e que se constitui, segundo Pastorini (2004), como inerente à sociedade capitalista, na qual há a apropriação desigual da riqueza produzida coletivamente. Para a autora, a “Questão Social” tem sua gênese nos problemas sociais existentes desde o período pré-capitalista, mas sua origem data a segunda metade do século XIX, quando se torna questão política.

É válido ressaltar ainda que a “Questão Social” é considerada como questão política, econômica, social e ideológica, e, por isso, deve ser observada sobre todos esses aspectos, para que não haja uma naturalização da mesma. São exemplos das principais manifestações da “Questão Social” na atualidade, a pauperização, a exclusão e as desigualdades sociais. Para atuar nas múltiplas expressões da “Questão Social”, tem-se os assistentes sociais, que atuarão na perspectiva da igualdade, da equidade, da justiça e da liberdade.

O assistente social em seu ambiente de trabalho lida no dia a dia com essa manifestação da violência, em diversas áreas de atuação profissional, como nos CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), no que concerne a violência contra a mulher, crianças e idosos, no atendimento a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa; atuam ainda em instituições de atendimento a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em restrição de liberdade, em sistema penitenciário e até mesmo nos CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), que é o equipamento “porta de entrada”, para o atendimento social, e, que em alguns casos, estão localizados em bairros onde a ocorrência de episódios de violência são mais acentuadas. Portanto, é possível perceber a importância do tema em questão para a categoria dos assistentes sociais.

Percebe-se que a violência apresenta-se enquanto uma demanda para a atuação do assistente social e também como um desafio a sua atuação, porque as causalidades da violência são múltiplas, logo, múltiplas devem ser as formas de intervenção nessa realidade. Dada a importância da pesquisa realizada e entendendo que a violência está bastante presente no município estudado, assim como em todo o território brasileiro, constituindo-se enquanto objeto de trabalho do assistente social, pretende-se, em estudos futuros, incorporar outras variáveis ao objeto de estudo, assim como, objetiva-se dar continuidade a pesquisa hemerográfica que foi realizada para a elaboração deste artigo.

### 3. Considerações preliminares

Os dados apresentados demonstram que a violência noticiada no município de Campos pelo jornal Folha da Manhã tem gênero, idade e endereço, pois o perfil apresentado marca a violência tendo como autores homens, jovens e moradores da periferia. Desse modo, é de suma importância sinalizar que nos bairros da periferia, há a presença do Estado penal e não do Estado social. Contribuindo para que estigmas e estereótipos sejam criados sobre os sujeitos residentes nesses locais. Nessa perspectiva, concordamos com Behring e Boschetti (2006) quando sinalizam que no Brasil, há a tendência do fortalecimento do estado penal, em detrimento do estado social, especialmente no que se refere aos negros, quando vivenciamos uma política de encarceramento em massa.

Dessa forma, a presença do Estado nas periferias não tem se dado na perspectiva do oferecimento de políticas sociais sólidas, universais e de caráter amplo, que possibilite a geração de emprego e renda para a sua população, propiciando novas formas de vida, longe da ilegalidade e da inserção de episódios violentos. O que se tem é o contrário, uma política penal, na qual os investimentos são massivos e expressivos, por meio da política de combate as drogas e da guerra ao tráfico, enquanto os investimentos com políticas sociais crescem vegetativamente, agravando ainda mais, a ocorrência de episódios de violência em território brasileiro e acirrando as desigualdades sociais.

Os episódios de violência foram mais recorrentes em bairros como o Eldorado (18), Centro (18), Sapo I (14), Tira Gosto (9), Parque Califórnia (7), Parque Aeroporto (7), Parque Guarus (7), Jardim Carioca (7), Parque Santa Clara (6), Farol de São Tomé (6), Santa Rosa (6). Os episódios de maior ocorrência nos bairros periféricos são: homicídio e tráfico de drogas, já nos bairros centrais, o maior número de episódios está relacionado a invasão/arrombamento, sobretudo, à caixas de bancos.

Os dados dos meses de janeiro, fevereiro e março não apresentaram notícias vinculadas a Ururá, o que permite a construção da hipótese dessa localidade ser menos violenta. Tal inferência pode explicar o estranhamento dos sujeitos e famílias que foram reassentadas para os conjuntos habitacionais de moradia popular e que passaram a lidar, entre outras questões, com a briga de facções que têm por objetivo legitimar a presença de um comando do tráfico de drogas dentro da localidade.

Cabe ressaltar, que a localidade de Ururá também apresenta a questão da violência, como, por exemplo, ligada ao tráfico de drogas. Mas ocorre que no bairro já é estabelecida uma facção. E nos conjuntos habitacionais, por serem locais novos, há o conflito

entre as facções, pois uma quer estabelecer ali o seu poderio. Isso ocorre justamente pelo fato de que pessoas de diferentes bairros passam a conviver num mesmo conjunto habitacional, o que gera a violência e a insegurança das famílias.

Em relação aos bairros de destino do reassentamento das famílias de Ururaí, a Penha e o Novo Jockey foram notificados uma vez enquanto bairro de origem dos sujeitos envolvidos nos episódios de violência. No que diz respeito ao bairro de ocorrência, apenas a Penha foi notificada 5 vezes. O que permite compreender que durante os três meses analisados, os números de episódios violentos nesses bairros não foram tão altos, se comparados a outros como o Centro, Eldorado, Sapó I e Tira Gosto. Supõe-se, assim, que o número de ocorrências não seja tão alarmante, mas os episódios violentos ocorrem com mais frequência do que na localidade de Ururaí que não foi registrada nenhuma vez durante o período da pesquisa.

O estudo realizado demonstra que as classes pauperizadas sempre ficam expostas aos riscos, ao viver perigosamente a vida cotidiana nas cidades. No caso da população de Ururaí em específico, em período anterior, conviviam com o risco da inundação e com os seus desdobramentos, que por vezes representou a perda de bens materiais e imateriais, a convivência em abrigos, dado o momento do fenômeno da inundação. Em período posterior ao reassentamento, não convivem mais com o medo de serem atingidos pelas cheias do rio, mas passaram a conviver com o medo da violência e das suas múltiplas formas de manifestação como apontado pela pesquisa quanti-qualitativa realizada pelo NESA e pelos dados revelados por meio da pesquisa hemerográfica.

Temos como hipótese que a violência se torna acentuada nos bairros que receberam os conjuntos habitacionais, colocando a população reassentada em situação de risco de vida, por ocuparem bairros marcados pela violência e pelos conflitos entre as facções do tráfico de drogas, no sub-bairro, representado pelo loteamento do Morar Feliz, dentro de bairros já existentes e consolidados.

Convivendo com o risco da violência, a população ainda passa a viver sob a mira da mídia, que contribui para a formação do imaginário social da população, ao noticiar os episódios de violência como relacionados aos sujeitos pobres e aos bairros da periferia. Hiperdimensionam a violência e contribuem para que a população se coloque cada vez mais a favor da repressão, da punição e da violência policial para com os sujeitos envolvidos nesses episódios. Entretanto, não noticiam que a violência só pode ser combatida, por meio da efetivação das políticas sociais públicas, que atendam a realidade de cada sujeito, dando-lhes melhores oportunidades de vida e futuro para todos os cidadãos brasileiros, sobretudo aqueles

residentes em áreas da periferia, em territórios marcados pelas diversas expressões da “Questão Social”, de forma que tenham novas possibilidades de vida e futuro, longe de episódios ilegais e violentos.

Compreendendo a importância do debate sobre a violência, devido ao fato desse fenômeno ter se tornado expressivo na atual conjuntura e considerando que a violência apresenta-se enquanto demanda para a atuação dos profissionais de Serviço Social, sinaliza-se a necessidade da produção de mais estudos que permitam aos assistentes sociais conhecer o contexto empírico em que trabalham, bem como de estudos que realizem apontamentos que possam subsidiar a atuação dos assistentes sociais.

## Referências

- ADORNO, Sergio. “Exclusão Socioeconômica e Violência Urbana”. *Sociologias*, v. 4, n. 8, p. 84-135, 2002.
- ARENDDT, Hannah. *Da violência*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- BAIERL, Luzia. “Vidas desperdiçadas: mortes por causas externas na Região Metropolitana da Baixada Santista”. In: ANDRADE, Luciana; SOUZA, Dalva; FREIRE, Flávio; MARINHO, Marco (Orgs.). *Homicídios nas regiões metropolitanas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- BEHRING, Elaine; BOSCHETTI, Ivanete. *Política Social: fundamentos e história*. São Paulo, Cortez Editora, 2006.
- BRASIL. *Estatuto da Juventude*. Brasília: Senado Federal, 2013.
- CALDEIRA, Teresa Pires R. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp. 2000.
- DINIZ, Alexandre; LACERDA, Rosângela; BORGES, Felipe. “Os jovens e as mortes por homicídio na Região Metropolitana do Rio de Janeiro 1998-2007”. In: ANDRADE, Luciana; SOUZA, Dalva; FREIRE, Flávio; MARINHO, Marco (Orgs.). *Homicídios nas regiões metropolitanas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – *Cidades*. População de Campos dos Goytacazes (RJ), 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 30 Jan. 2016.
- MENDES, Juliana. “O ato de habitar a partir de um programa habitacional”. In: SIQUEIRA, Antenora; VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MALAGOLI, Marco (Orgs.). *Riscos de Desastres Relacionados à Água: aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de Dados Concretos*. São Carlos: RiMa Editora. 2015. p. 141- 159.
- NJAINE, Kathie; CARELI, Jorge. *Violência na Mídia*. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_04.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf)>. Acesso em: 08 Out. 2015.
- PASTORINI, Alejandra. *A categoria “questão social” em debate*. São Paulo, Cortez, 2004.
- SIQUEIRA, Antenora; MALAGODI, Marco. “Desastres e Remoções em Campos dos Goytacazes: o caso Ururaf”. LEITE, Adriana; GOMES, Marcos (Orgs.). *Dinâmica ambiental e produção do espaço urbano e regional no Norte Fluminense*. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora. 2013. p. 37-66.

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Relatório de Pesquisa do Projeto Cartografias Socioambientais e Mapeamento de Áreas de Risco de Inundações no Norte Fluminense: subsídios para a implementação de sistemas de alerta*. Rio e Janeiro, 2016.

WAXQUANT, Loïc. “O lugar da prisão na nova administração da pobreza”. *Novos estudos*, 2008, n. 80, p.9-19.

ZALUAR, Alba. “Democratização inacabada: fracasso da segurança pública”. *Estudos Avançados*, v. 21, n. 61, p. 31-49, 2007.